



Pe. Dall’Alba e o Centro Nacional de Referência Cultural: o processo de (re)elaboração do projeto “Indústrias Familiares dos Imigrantes”

Jennifer Constantino dos Santos¹

Michele Gonçalves Cardoso²

Resumo: A partir da análise nos documentos salvaguardados no CEDOHI – Centro de Documentação Histórica Plínio Benício, o presente artigo tem por objetivo compreender as motivações que levaram o Padre João Leonir Dall’Alba a elaborar o projeto “Indústrias Familiares dos Imigrantes”, evidenciando as relações estabelecidas ao firmar o convênio com o CNRC, bem como, as mudanças ocorridas no projeto original até a inauguração do empreendimento em agosto de 1980. E por último, buscamos analisar os discursos promovidos pelo projeto museal que auxiliam na consolidação dos imaginários referentes a etnicidade, pioneirismo, religiosidade e trabalho. Para orientar a pesquisa dialogamos com o autor Reinhart Koselleck e a perspectiva de espaço de experiência e horizonte de expectativa.

Palavras-chave: CNRC; Imigração; Museu ao ar Livre Princesa Isabel; Museu da Imigração Conde D’Eu; Padre Dall’Alba.

Dall’Alba and the National Center of Cultural Reference: the process of (re)elaboration of the project “Immigrant Family Industries”

Abstract: Based on the analysis in the documents safeguarded at CEDOHI - Centro de Documentação Histórica Plínio Benício, this article aims to understand the motivations that led Father João Leonir Dall’Alba to elaborate the project “Family Industries of Immigrants”, showing the relations established when signing the agreement with the CNRC, as well as the changes that occurred in the original project until the inauguration of the project in August 1980. And lastly, we seek to analyze the speeches promoted by the museum project that help in the consolidation of the imaginary concerning ethnicity, pioneering spirit, religiosity and work. To guide the research, we spoke with the author Reinhart Koselleck and the perspective of space for experience and horizon of expectation.

Keywords: CNRC; Immigration; Princesa Isabel Open Air Museum; Conde D’Eu Immigration Museum; Padre Dall’Alba.

O artigo que aqui se apresenta é o resultado de um trabalho de pesquisa vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade do Extremo Sul Catarinense (PIBIC/UNESC). Na primeira etapa da pesquisa nos dedicamos a realizar leituras pertinentes ao tema, e, em um segundo momento, iniciamos a leitura e análise dos documentos presentes no acervo do CEDOHI (Centro

1 Graduada em História – Licenciatura pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e bolsista do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) entre os anos de 2018/2019 na mesma instituição. Atualmente atua como professora de História na rede municipal de Criciúma/SC. prof.jennifercs@gmail.com

2 Professora doutora e coordenadora do departamento de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). michelegc@unescc.net

de Documentação Histórica Plínio Benício) referentes ao projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes/Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel (documentos estes que já haviam sido previamente selecionados). Após finalizadas as leituras e análises, iniciamos a escrita do artigo científico para uma posterior publicação. Durante a escrita foi fundamental a realização de uma segunda análise dos documentos, para assim, perceber melhor alguns aspectos que se mostraram confusos e/ou ausentes durante a primeira análise. Ao longo da pesquisa dialogamos com o autor Reinhart Koselleck (2006), analisando a noção de campo de experiência e horizonte de expectativa.

Assim, para situar nossa pesquisa, observamos que nos anos finais do século XX – mais especificamente nas décadas de 1970 e 1980 – ocorreu no Brasil a ascensão de movimentos culturais relacionados a constituição de espaços de memória. É importante lembrar também que a década de 1980 foi um dos períodos em que mais inaugurou-se museus e memoriais no país. Tal fato ocorreu devido as políticas públicas que estavam sendo implantadas no final do regime militar, que com o fim do “milagre econômico”, o governo de Ernesto Geisel viu na cultura um modo de angariar a simpatia dos brasileiros. Portanto, as atividades e obras culturais realizadas naquele momento tinham em vista promover o regime de maneira positiva para a população. A historiadora Luiza de Cavalcanti Azeredo Ferreira afirma que “após um período de intensa repressão, de prisões e torturas, o governo estaria nessa fase em busca de novos canais de interlocução, e a política cultural seria uma forma de estreitar laços com a classe artística e com os intelectuais” (FERREIRA, 2015, p. 53).

Foi nesse contexto que diversos projetos políticos-culturais surgiram, dentre eles o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), em 1975, que previa como etapas para a execução de seus projetos a capacitação, a memorização, o referenciamento e a devolução. O CNRC desejava não somente “salvar” a memória nacional, mas também, possuir uma atuação dinâmica, impedindo que o acelerado desenvolvimento econômico ultrapassasse aquilo que chamavam de identidade nacional, preservando desse modo, os valores da formação cultural do país (FERREIRA, 2015). Nessa perspectiva, o Centro Nacional de Referência Cultural veio a contribuir efetivamente para a realização do projeto intitulado de “Indústrias Familiares dos Imigrantes”, elaborado pelo padre João Leonir Dall’Alba, tendo como um de seus principais incentivadores Aloísio Magalhães, que foi na época um dos mais importantes idealizadores do CNRC.

João Leonir Dall’Alba foi um padre, memorialista, escritor e agente cultural brasileiro, nascido em 1938 na cidade de Caxias do Sul/RS e falecido em 2006 aos 68 anos de idade. Publicou cerca de 22 obras (entre traduções e escritos próprios) e realizou em torno de 700 entrevistas orais. Foi também o idealizador de alguns projetos museais e educativos na região de Orleans/SC, sendo eles a Fundação Educacional Barriga Verde (FEBAVE, atual UNIBAVE), o Centro de Documentação Histórica Plínio Benício (CEDOHI), o Museu da Imigração Conde D’Eu e o Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel (CARDOSO, 2018). Tendo este último originado do projeto *Indústrias Familiares dos Imigrantes*, que tinha como objetivo inicial expandir o Museu da Imigração Conde D’Eu.

Foi na década de 1970 após uma grande enchente que destruiu várias cidades do sul catarinense, que Dall’Alba teve a ideia para a criação de um projeto em que salvaguardasse as tecnologias – termo utilizado por ele – que haviam sido desenvolvidas (e adaptadas) pelos colonizadores italianos que lá haviam habitado no final

do século XIX. Antes da enchente tais tecnologias já estavam sendo substituídas por outras mais modernas, e após o evento, as que ainda funcionavam foram destruídas, restando poucos exemplares. Com o intuito de mantê-las na memória da população orleanense e também de criar mais espaços culturais para a cidade (que posteriormente serviria como mais um dos atrativos para o turismo), foi desenvolvido pelo sacerdote o projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes. Michele Gonçalves Cardoso (2018) afirma que no entendimento do padre essas tecnologias que almejava salvar para as gerações futuras, representavam a inventividade e a criatividade dos imigrantes, e que esses materiais teriam colaborado para a criação das primeiras indústrias da região de Orleans. As referidas indústrias teriam em sua materialidade os representativos de sua “civilização”, pois, “teria por base as culturas trazidas pelos imigrantes – alemães, italianos, poloneses, etc. – mas seu desenvolvimento teria se dado pelas condições das colônias sul catarinenses” (CARDOSO, 2018, p. 225).

A primeira versão do projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes foi apresentada por Dall’Alba em 09 de fevereiro de 1977, sendo a princípio integrado ao Museu da Imigração – que teve sua inauguração realizada em 23 de agosto de 1970 – e por se tratar de um projeto com uma outra tipologia, tornou-se posteriormente independente do mesmo. Durante o seu desenvolvimento ficou definido uma mudança no nome, e o que antes era intitulado de “Indústrias Familiares dos Imigrantes” veio a chamar-se “Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel”. Tal nomenclatura se daria por sua tipologia: ao ar livre. O nome do novo espaço museal seria então, uma homenagem à princesa brasileira que havia ganhado aquelas terras que compõe o atual município de Orleans/SC como parte do seu patrimônio dotal.

Nos documentos salvaguardados no CEDOHI encontram-se registros do que viria a ser o projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes. Inicialmente ele seria um espaço anexo ao Museu da Imigração, e teria a composição de um museu ecológico, um “museu vivo”, em que as peças estariam dispostas cada uma em seu próprio espaço funcionando de modo semelhante ao uso no passado, se assemelhando assim, as pequenas indústrias familiares dos imigrantes italianos da região. Em carta de 02 de outubro de 1974, endereçada ao descendente da família real, D. Pedro de Orleans e Bragança, Dall’Alba descreve o seu objetivo de incorporar ao Museu da Imigração cerca de vinte tipos de indústrias familiares dos colonizadores, e segundo ele, a verba necessária para a realização desse projeto seria de Cr\$100.000,00, tornando assim, o museu já existente em um “grande museu”.

O “Museu da Imigração Conde d’Eu”, está tendo seu desenvolvimento retardado por falta de verba. Mas ainda agora estamos com todo o material pronto para reformar o telhado, já que o primeiro não deu certo. Mas o acervo vai aumentando e os planos são muito grandes. Já estou com o processo pronto para encaminhar ao Conselho Federal de Cultura, de um projeto de Cr\$100.000,00 para incorporar ao Museu uns vinte tipos de indústrias familiares dos colonizadores. Caso venha esta verba, o Museu vai se tornar um grande Museu.³

O intuito do museu seria manter o funcionamento tal qual as antigas indústrias familiares, sendo produzidos ali telhas, tijolos, vinhos, cachaças, vestimentas e demais produtos que viriam a ser vendidos para as pessoas da comunidade. Segundo Cardoso:

Dall’Alba entendia que o novo museu que seria criado precisava ser dinâmico e interativo, não se configurando como uma simples exposição de peças antigas, mas sim pelo manuseio e pela constante utilização, fato que possibilitaria o desenvolvimento de outras técnicas (CARDOSO, 2018, p. 227).

3 Carta de Pe. Dall’Alba endereçada à D. Pedro de Orleans e Bragança. 02/out/1974. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

Dall'Alba esperava contribuir para a materialização de uma memória que temia desaparecer com o passar dos anos, assim como, suas estruturas representativas. Tais estruturas não representariam somente os modos de fazer do passado colonial, mas também os alicerces de um determinado discurso de presente e futuro das cidades atuais. Nessa perspectiva, podemos mobilizar os termos cunhados por Reinhart Koselleck: “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Enquanto conceitos históricos, a experiência e expectativa “entrelaçam passado e futuro” (KOSELLECK, 2006, p, 308). Segundo Koselleck, a experiência seria o que chamamos de passado, ou seja, todas as vivências ocorridas que ficaram registradas na lembrança e que de maneira inconsciente ou não foram por nós incorporadas. Já a expectativa é realizada no hoje, no agora, é o que ele chama de “futuro presente”, é algo ainda não experimentado, mas que pretende-se vivenciar (KOSELLECK, 2006). Para o autor:

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais. (KOSELLECK, 2006, p, 310).

Tais conceitos estariam interligados, pois a partir do campo de experiência de uma determinada sociedade, o horizonte de expectativas estaria ligado ao primeiro. A expectativa seria assim, fruto das experiências já vividas, e romper o horizonte de expectativa criaria uma experiência nova (KOSELLECK, 2006). Se tratando do projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes, o campo de experiência mobilizado seria a tecnologia desenvolvida e adaptada pelos primeiros imigrantes que viviam na região de Orleans em Santa Catarina; já o horizonte de expectativa se daria – entre outras possibilidades – na materialização do projeto museal.

Ao longo da década de 1970, diversas iniciativas de cunho étnico foram desenvolvidas em Santa Catarina, especialmente em comemoração ao centenário de imigração italiana. Dall'Alba aproveitou o contexto comemorativo e conseguiu pesquisar e publicar diversos livros sobre os processos migratórios ocorridos no sul catarinense. Em seus escritos cunhou uma narrativa heroica que legitimava a ocupação do território em finais do século XIX, bem como, dava legitimidade e valorização aos descendentes no tempo presente. É importante observar que essas publicações – assim como os museus – são também uma retomada do discurso étnico na região, que durante as políticas de nacionalização foram duramente reprimidas.

Nesse sentido, o projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes mobilizou um campo de experiência pautado no discurso do pioneirismo, do progresso, da bravura e do catolicismo. Tais referenciais se materializaram no museu no presente (década de 1980), e objetivavam continuar ecoando e os legitimando para as gerações futuras, mantendo, portanto, uma dada perspectiva para o seu horizonte de expectativas.

O convênio com o CNRC e as divergências entre o Instituto São José e o padre Dall'Alba

Para a concretização de tão grande empreendimento Pe. João contava com o apoio financeiro de algumas entidades. E para efetivá-lo se fez necessário a realização de um convênio para a execução da primeira etapa do projeto que estava dividido em três. O convênio estabelecido possuiu duas versões que diferiam entre os valores estabelecidos e as entidades conveniadas, o que conseqüentemente gerou modificações nas atribuições de algumas delas. Na primeira versão, consta como entidades participantes: o

CNRC, a Prefeitura Municipal de Orleans, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Instituto São José. Possuindo como valor global do projeto conveniado o total de Cr\$991.000,00, uma taxa de administração de Cr\$198.000,00 e possuindo validade para dois anos – no documento assinado por todas as partes não consta a data de início e término do convênio estabelecido⁴.

Já na segunda versão do convênio constava como entidades participantes o CNRC, a Prefeitura Municipal de Orleans, a UFSC, o Instituto São José e a FEBAVE, possuindo validade de um ano (iniciando-se em 1º de abril de 1978 e finalizando-se em 31 de março de 1979). Diferentemente dos valores estabelecidos na primeira versão, neste, o valor global é de Cr\$896.000,00 (sendo a diferença entre um e outro de Cr\$95.000,00) e a taxa de administração de Cr\$ 179.000,00 (com uma diferença de Cr\$ 19.000,00 a menos que na taxa administrativa estabelecida na primeira versão)⁵. Nos documentos analisados não foram identificados o motivo que gerou tamanha diferença nos valores estabelecidos entre uma versão e outra do convênio, e nem se a taxa de administração estava ou não inclusa no valor global do projeto. Porém, inferimos que este era um valor a parte do total conveniado.

A primeira etapa do projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes consistia em: realizar a aquisição das peças, fazer um levantamento topográfico do terreno, como também, um projeto de distribuição espacial das peças, elaborar o inventário do acervo do Museu da Imigração Conde D’Eu, fazer o treinamento de uma pessoa local para atuar no museu e preparar a indexação dos documentos com adequação das fichas do Departamento de História da UFSC com as planilhas do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A segunda etapa do projeto realizaria: a indexação e microfilmagem dos documentos, a desmontagem e montagem das peças e a produção de módulos para o programa de História da Tecnologia e da Ciência no Brasil (HTCB) do CNRC. Por fim, a terceira etapa faria a conclusão da indexação e microfilmagem dos documentos (com uma cópia para o CNRC), concluiria a estruturação do “Museu Ao Ar Livre” e sua articulação com o Museu da Imigração Conde D’Eu, e realizaria a publicação dos módulos do programa HTCB do CNRC⁶.

As instituições participantes dessas etapas eram: UFSC (responsável pelo serviço de indexação, documentação e microfilmagem; serviço de centralização e transferência de informações; e serviço de laboratório fotográfico com copiagem de microfilme e cópia fotográfica), Prefeitura Municipal de Orleans (responsável pelo levantamento topográfico e projeto de distribuição espacial das peças; serviço de terraplanagem; transporte das peças; e disposição de funcionários para o projeto), Instituto São José (responsável pela doação de um terreno com 20.000m² para distribuição das peças componentes do projeto; e cedente de peças do acervo do Museu da Imigração Conde D’Eu e suas instalações) e CNRC (responsável pela coordenação geral do projeto e consultoria técnica)⁷. Para além desses, na segunda etapa iniciada em 1979 outras instituições colaboraram com o projeto: FEBAVE (tendo participação também na primeira

4 Convênio “Indústrias Familiares dos Imigrantes” (primeira versão). 1978. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

5 Convênio “Indústrias Familiares dos Imigrantes” (segunda versão). 1978. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

6 Projeto “Indústrias Familiares dos Imigrantes”. Instituto São José de Orleans, Prefeitura de Orleans, Universidade Federal de Santa Catarina, CNRC. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

7 Projeto “Indústrias Familiares dos Imigrantes”. Instituto São José de Orleans, Prefeitura de Orleans, Universidade Federal de Santa Catarina, CNRC. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

etapa do projeto devido as modificações realizadas no convênio), FCC (Fundação Catarinense de Cultura) e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). As verbas recebidas para efetivação do projeto vinham por meio de repasse do Banco do Brasil ao CNRC.

Não foi tão fácil a concepção deste convênio, pois Padre Dall'Alba enfrentou diversos conflitos dentro da congregação no qual fazia parte. A Congregação dos Josefinos de Murialdo, vinculada ao Instituto São José, viam as atividades e iniciativas culturais promovidas pelo sacerdote como sendo algo que não dialogava com o caráter da congregação, principalmente no que se referia ao projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes. Nas cartas e outros documentos salvaguardados no CEDOHI é possível perceber esse desencontro de ideias entre a instituição e o sacerdote. Muito provavelmente foi devido a essas divergências entre o Instituto São José e os interesses de Dall'Alba que foram elaboradas duas versões de um mesmo convênio.

Foi a partir desse desencontro de perspectivas que o projeto inicial que visava tornar o Museu da Imigração em um grande museu – com um viés voltado para a tipologia ao ar livre em um terreno cedido pela instituição e próximo da mesma – passou por alterações, tornando-se algo independente e não mais vinculado ao instituto, e sim à FEBAVE que foi fundada nesse mesmo período como meio de Dall'Alba conseguir gerenciar o projeto sem este estar atrelado ao instituto que fazia parte. Desse modo, o projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes se constituiu de maneira diferente do plano original idealizado pelo sacerdote.

A respeito das divergências entre o Instituto e as ideias do padre, percebeu-se que o Instituto temia o projeto original, exigindo cautela e garantias para a realização do convênio. Essa temeridade estava em ter a imagem, as funções e os bens do instituto atreladas ao museu e a FEBAVE. Sendo este um dos motivos que os levaram a vender o terreno para a FEBAVE, que passaria a partir daquele momento a estar à frente da execução do projeto. Um outro fator que influenciou o instituto, foi a possibilidade de o museu que Dall'Alba almejava implantar viesse a se tornar um bem tombado, o que para a instituição se mostrava como algo negativo⁸. Portanto, do acordo firmado no convênio, o Instituto de fato somente cumpriu e colaborou cedendo as peças do acervo do Museu da Imigração Conde D'Eu.

Antes de ocorrer a compra do terreno pela FEBAVE, Dall'Alba apresentou para a Congregação uma série de possibilidades, tanto positivas quanto negativas para que eles fizessem o convênio com o CNRC para a execução do Indústrias Familiares dos Imigrantes. Em todas as justificativas negativas dadas ao padre, o Instituto São José – representado por uma comissão técnica criada apenas para avaliar o projeto – colocava que tal iniciativa iria contra os seus interesses, e que esses poderiam vir a manchar de alguma maneira a imagem que a comunidade orleanense possuía da referida instituição, já que, até então as suas ações sociais eram voltadas para a educação formal em algumas das escolas da região. Nos documentos analisados não foram encontrados quais seriam especificamente tais interesses, mas nos deu a entender que a mudança ocorrida em sua diretoria teve um grande peso para o surgimento de divergências internas, pois alguns anos antes eles haviam apoiado a formulação do Museu da Imigração, que assim como o projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes era uma iniciativa de cunho cultural.

8 Carta de Pe. Dall'Alba ao conselho provincial - respostas aos questionamentos da comissão. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Diferentemente do que acreditavam, Dall’Alba via nessa iniciativa museal uma chance de tornar o Instituto São José ainda mais bem visto pela comunidade, pois estariam chegando até eles não somente pela área educacional, mas também por meio do setor cultural e por que não, turístico. O que segundo ele, tornaria o instituto mais conhecido, mais próximo da comunidade, abrindo novas possibilidades para a ingresso de novos membros.

Os argumentos utilizados por Dall’Alba ficaram registrados em um documento que não possui data e nem autoria, sendo apenas intitulado de “Senhores membros do Conselho Provincial”, mas que devido ao seu conteúdo acreditamos se tratar de autoria do próprio sacerdote. Abaixo transcrevemos parte do documento mencionado que acreditamos possuir o conteúdo da carta que Dall’Alba enviou para a congregação em resposta as negativas recebidas, bem como sua tentativa de fazê-los mudar de percepção quanto ao projeto:

Diante do parecer negativo da Comissão enviada para estudar o projeto do Museu de Orleans seria de bom alvitre não mais insistir junto à autoridade, para não parecer uma pressão psicológica que se quisesse fazer. Mas diante do pedido que o próprio Conselho fez, de maiores esclarecimentos, tentarei expor o segue.

Com franqueza antes de tudo quero dizer que este projeto teve a desgraça de ter que se apresentar num momento bastante impróprio quando uma situação bastante diversa, mas com alguma semelhança, estava sendo alvo de restrições por parte de um grupo de confrades. E isto veio a prejudicar o andamento do nosso processo. Ainda mais quando a chefia da Comissão foi assumida pelo Pe. Ezio, maior opositor do Orestes. Peço que se leve em conta isto.

[...] O Museu está cooperando para projetar a imagem de Instituto São José como centro de cultura. É um mal para um educandário josefino?

[...] O Museu está fazendo com que o povo nos sinta ligados a esta terra, gente que se interessa pelos seus antepassados, pelo seu progresso. Captar esta benevolência popular, deste povo, destas famílias a quem cabe a decisão de enviar para nós ou não seus filhos (sic) não pode ser visto como um mal.

[...] O Murialdo e o Reffo nos deram tantos exemplos de atividade social e cultural. É lícito condenar simplesmente como não Josefina esta atividade cultural?⁹

Esta carta tem no total sete páginas, onde Dall’Alba não somente apresenta argumentos na tentativa de convencer a comissão a mudar sua posição negativa quanto ao projeto, como também responde todos os questionamentos levantados por eles em um outro documento endereçado ao padre (no qual não tivemos acesso). Ele é incisivo em suas respostas, apresentando quatro alternativas possíveis para a execução do projeto e consequente aprovação da comissão do Instituto. A primeira opção seria assumir o projeto como estava; a segunda seria assumir o projeto de maneira condicional, tendo cautelas, garantias e previsão para uma possível saída. A terceira alternativa seria deixar o projeto do Museu Ao Ar Livre para a FEBAVE, vendendo-lhes o terreno usado para sua efetivação. Desse modo, o sacerdote acreditava que a proximidade entre os dois museus – Ao Ar Livre e da Imigração – poderia de alguma forma ainda dar vantagens ao Instituto (em sua visão essa seria a solução mais viável). E como última opção seria não aceitar para o Instituto o projeto e tampouco vender o terreno, acreditando na possibilidade de a prefeitura conseguir executar tal iniciativa museal em um terreno nas proximidades do Rio Belo, o que não daria vantagem alguma ao Instituto¹⁰.

9 Carta de Pe. Dall’Alba ao conselho provincial. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

10 Carta de Pe. Dall’Alba ao conselho provincial. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

Para Cardoso (2018), ao receber a negativa do projeto, Dall’Alba teria recorrido ao Conselho Provincial onde sabia que os seus membros acolheriam a ideia, pois para além do parentesco entre o sacerdote e os membros do conselho, estes também teriam interesses e posicionamentos semelhantes, pois suas ideias sobre as atividades culturais eram similares e resultado de estudos realizados conjuntamente. De acordo com a autora, esse poderia ter sido o motivo para a sinceridade expressa na narrativa de Dall’Alba, bem como para a desconsideração tida ao parecer da Comissão.

A execução do projeto museal e seus discursos

Do projeto original elaborado por Dall’Alba ao convênio estabelecido inicialmente com o Centro Nacional de Referência Cultural houve diversas mudanças. No que se refere as etapas definidas no convênio estabelecido com o CNRC: podemos observar que não foram totalmente cumpridas. Das três etapas determinadas, a terceira não foi realizada. A segunda cumprida parcialmente e a única totalmente concluída foi a primeira etapa do projeto. No que diz respeito a produção de módulos para o programa de História da Tecnologia e da Ciência no Brasil do CNRC, bem como sua publicação, e a conclusão da indexação e microfilmagem dos documentos, estas etapas nunca foram de fato realizadas. Todos os documentos levados pela UFSC para a realização da indexação e microfilmagem não foram devolvidos antes da inauguração do Museu Ao Ar Livre, pois não havia sido realizada uma catalogação dos documentos levados. Parte da documentação foi misturada e/ou integrada ao acervo da universidade. “Esse processo durou anos, e com a partida de Dall’Alba para uma missão no Equador, foi Celso de Oliveira Souza o responsável pela longa negociação. Os documentos da Colônia Grão-Pará voltaram para Orleans somente [...] na década de 1990” (CARDOSO, 2018, p. 241).

No dia da inauguração do novo museu, em 30 de agosto de 1980, este ainda não havia sido concluído em sua totalidade, sendo inaugurado somente a primeira etapa do projeto. No discurso de abertura proferido por Pe. João Leonir Dall’Alba, foi deixado claro que aquela obra era algo inacabado, mas que já estaria à disposição da comunidade para visitas e que esperava em breve poder apresentá-los ao projeto completo.

Não, não estamos inaugurando um museu, se inaugurar é entregar ao público uma obra perfeita. Não. Se o que está implantado impressiona; se já poderia constituir por si uma unidade completa, muito ainda falta para completar a implantação do primeiro Museu ao Ar Livre. O que comemoramos hoje é uma idéia (sic) só em parte executada. A idéia (sic) é grande. A idéia (sic) inicial foi rolando por mentes diversas, e, qual bola de neve, recebendo novos alentos. Hoje...Hoje.. hoje (sic) cres (sic) eu tanto que já não cabe nestes limites. [...] Se muito foi feito, mais ainda nos falta: Ferraria (sic), cortume, barbaqua, cantina de vinho, fornos, fundição, meios de transporte, pequenas indústrias caseiras, bombas, instrumentos, utensílios....¹¹

Em seu discurso Dall’Alba faz referência a uma das unidades do museu de tipologia “ao ar livre”, que naquele caso referia-se a estrutura que estava sendo inaugurada. O CNRC por meio de um documento intitulado “Da ordem dos fatos (uma provável proposta de generalização)”¹² falou dos planos para a construção de 4 unidades de museus do tipo ao ar livre, sendo o Museu Princesa Isabel um deles. A

11 Discurso para a inauguração da 1ª etapa do Museu Ao Ar Livre de Orleans, em 30 de agosto de 1980 – Pe. Dall’Alba. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

12 Da ordem dos fatos (uma provável proposta de generalização) – CNRC. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

proposta estabelecida pelo CNRC se deu em decorrência do projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes, e propunha que:

As diversas peças ou conjuntos seriam distribuídos em quatro unidades do tipo Museu ao Ar Livre, situadas em locais ecológicamente (sic) próprios e de certo modo, representariam estágios diferentes da vida dos habitantes do Vale e das suas atividades¹³.

Estas unidades seriam denominadas de: Museu Antigo, Museu Atual, Museu Moderno e Museu das Minas. O Museu Antigo representaria a colônia inicial e teria em seu acervo objetos que representassem e lembrassem das atividades desenvolvidas pelos chamados “primeiros habitantes” (colonos e indígenas). O Museu Atual lembraria uma colônia tradicional, tendo em seu acervo objetos que ilustrassem as atividades de subsistência dos colonos, bem como, sua organização social e tecnologias alternativas. O Museu Moderno representaria a colônia vinculada às atividades urbanas e comporia seu acervo unidades de produção, peças demonstrativas da atividade socioeconômica da vida semi-urbana das localidades da região colonial e sua arquitetura. O Museu das Minas estaria localizado de preferência em uma velha mina (extração de carvão), e seu acervo não teria uma temporalidade específica, pois de maneira geral e totalitária falaria a respeito das comunidades mineiras e suas atividades¹⁴.

Tais unidades deveriam integrar-se à comunidade por meio de cursos que tivessem relação com os espaços no qual estivessem inseridos (ex: jardinagem, bordado, tecelagem, música e canto folclórico, etc.). Para a realização dessas atividades as unidades museais contariam com uma efetiva participação da comunidade. Nos documentos não foram encontrados registros claros de qual unidade o Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel comportaria, mas com base na estrutura do atual museu acredita-se que ele viria a representar a unidade intitulada de “Museu Atual”.

No período de inauguração do museu – década de 1980 – diversas iniciativas culturais estavam sendo desenvolvidas no Brasil e no mundo, iniciativas que buscavam principalmente divulgar e preservar o patrimônio cultural.

Não buscando estabelecer, de modo algum, aproximações de ‘causa/efeito’ entre o contexto europeu e as cidades sul catarinenses, vale destacar que Dall’Alba mencionou o período em que viveu na Itália como instigador para pensar em instituições que, na visão do clérigo, podiam reconstituir a história das cidades recém-fundadas do sul de Santa Catarina. As visitas às centenárias cidades europeias, como também a museus e a monumentos, inspiraram o clérigo a iniciar um movimento preservacionista, que, fundamentalmente, se basearia nos testemunhos e nas testemunhas, os quais, abundantemente, seriam acessados na região, fato que, para Pe. João, seria determinante para uma reconstituição ‘verdadeira’ do passado (CARDOSO, 2018, p. 223).

Nesse período diversas cidades brasileiras, principalmente as localizadas no sul do estado de Santa Catarina, estavam comemorando os seus centenários de colonização. Por isso, muito do discurso envolto nessas preparações festivas se baseava em uma ideia de civilização, etnicidade, pioneirismo, religiosidade e trabalho, sendo estes, os grandes norteadores dos discursos apresentados pelo padre na data de inauguração do museu, e que continuam reverberando até os dias atuais.

13 Da ordem dos fatos (uma provável proposta de generalização) – CNRC. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

14 Da ordem dos fatos (uma provável proposta de generalização) – CNRC. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

Imigrantes, pessoas, portanto, inconformadas com a pobreza, querendo vencer, e vencer depressa, não tendo quem os auxiliasse, não podendo contar com servidores, lançaram mão da inteligência para conseguir o que os outros conseguiam por meio do trabalho escravo ou quase escravo. A máquina ser-lhe-ia o apoio. A topografia acidentada que lhe dificultava as roças, que não tinha rios navegáveis, foi por eles transformada em auxiliar precioso, utilizando-lhes as quedas d'água, numerosas e potentes¹⁵.

Na fala apresentada acima é perceptível a crença que o sacerdote possuía, sendo em sua visão – que refletia também as crenças de sua época – os imigrantes do final do século XIX imbuídos de civilidade, o que lhes permitiu realizar um trabalho árduo em uma região de difícil manuseio devido as suas características topográficas e fluviais. Portanto, nessa perspectiva, tais pessoas estariam em uma suposta posição de superioridade aos fluxos migratórios anteriores. Esses imigrantes oitocentistas, principalmente os italianos, se tornaram a partir das narrativas de Dall'Alba os representantes do desenvolvimento – e das indústrias – do sul catarinense, sendo considerados por esse discurso os pioneiros, o principal elemento dos mitos de fundação das atuais cidades. Essa perspectiva tão difundida nos anos de 1980 continua reverberando atualmente na região.

O anseio que Dall'Alba possuía sobre o museu gerar produtos tal qual nas antigas colônias, não foi realizado após a inauguração. E para justificar a não produção desses alimentos e/ou materiais referentes a olaria, serraria, marcenaria, tecelagem e outros, foi alegado que financeiramente era inviável devido à pouca produção quando comparada as produções industriais contemporâneas ao final do século XX. Celso de Oliveira Souza (o administrador do museu no período) em entrevista concedida a Elaine Borges do Jornal da Tarde, justificou tais ausências no museu devido a não viabilidade financeira de produção, pois segundo ele, “o oleiro conseguia produzir por mês 7 mil peças, quando com o uso de tecnologia mais avançada são produzidas 12 mil peças”¹⁶.

Com base na documentação analisada, podemos concluir que por se tratar de um espaço museal que para a sua finalização demandaria muito dinheiro e que em contrapartida não retornaria financeiramente todo o valor investido, não gerou nas suas entidades financiadoras o desejo de elaboração de um novo convênio para a concretização das etapas ainda não realizadas. Tanto por toda a demanda de trabalho exigida no decorrer da efetivação da primeira etapa e que ainda seria exigido, quanto pela sua não lucratividade.

Considerações finais

O Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel atualmente é mantido pela FEBAVE, localizado na Rua Padre João Leonir Dall'Alba, no Bairro Murialdo da cidade de Orleans/SC, e instalado em uma área de 20.000 m². O museu se considera como sendo uma instituição de caráter tecnológico, histórico e documental devido as suas atividades de preservação e pesquisa a respeito da cultura material de diversas etnias, dando enfoque para os imigrantes – em especial italianos – da região orleanense e do sul do estado catarinense¹⁷.

15 Discurso para a inauguração da 1ª etapa do Museu Ao Ar Livre de Orleans, em 30 de agosto de 1980 – Pe. Dall'Alba. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

16 Jornal da Tarde, Celso de Oliveira Souza em entrevista concedida a Elaine de Oliveira. s/d. Arquivo setorial “MUSEU” - acervo CEDOHI.

17 Folder do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel, 2019.

O presente museu que já era considerado pela instância estadual como patrimônio material catarinense através do Decreto nº 5.726 de 30 de setembro de 2002, e que já possuía uma proposta de tombamento em andamento desde 1987, foi finalmente reconhecido pelo Conselho Nacional do Patrimônio Cultural do IPHAN como um patrimônio cultural brasileiro, tornando-se assim, um bem tombado. Para Cardoso (2018, p. 245),

O reconhecimento destas instituições auferido pelos órgãos responsáveis pela identificação e preservação de patrimônios culturais, denota que o exercício de pensar passado-presente-futuro elaborado por Dall'Alba, continua ressoando não somente no sul catarinense, como também, em todo território nacional.

Atualmente o museu ao ar livre é dividido em treze espaços/unidades que abrigam parte das tecnologias que Dall'Alba desejava salvaguardar: capela/salão da capela, engenho de farinha, estrebaria, casa do colono, cantina, meios de transporte, olaria, engenho de cana-de-açúcar, serraria, oficinas artesanais, marcenaria, monjolo, atafona e ferraria¹⁸. O espaço museal se configura como representante do campo de experiências (KOSELECK, 2006) vivido pelos primeiros imigrantes orleanenses e ressignificado no presente, ainda fundamentando discursos que objetivam atrelar os movimentos de desenvolvimento das cidades sul catarinenses aos projetos migratórios desenvolvidos no final do século XIX. Esse discurso projeta narrativas de futuro permeadas por ideias de progresso que invisibilizam parte da população e que atribuem a um determinado elemento – homem, branco, católico, europeu – um protagonismo que ainda é pouco problematizado na região.

Referências

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Ministério da Cidadania. **Museu ao Ar Livre de Orleans, em Santa Catarina, é tombado como patrimônio cultural brasileiro**: Espaço cultural preserva de maneira viva e dinâmica as técnicas e métodos de trabalho dos colonos chegados ao estado entre meados do século XIX e início do século XX. 2019. Disponível em: <<http://cultura.gov.br/museu-ao-ar-livre-de-orleans-em-santa-catarina-e-tombado-como-patrimonio-cultural-brasileiro/>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **As missões de Pe. João Leonir Dall'Alba**: História, memória e produção de discursos étnicos sobre o sul do Brasil. 2018. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2953/michele_goncalves_cardoso___final.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

FERREIRA, Luiza de Cavalcanti Azeredo. **E a cultura? O Centro Nacional de Referência Cultural e a identidade do Brasil (1975 – 1979)**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1934.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Folder do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel, 2019.

HARTOG, François. Patrimônio e presente. In: HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 193-245.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006. p. 305-237

18 Folder do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel, 2019.

MUSEU AO AR LIVRE PRINCESA ISABEL (Orleans). **Museu ao Ar Livre agora é um patrimônio cultural brasileiro**. 2019. Disponível em: <<http://www.museuaoarlivre.com.br/noticia.php?noticia=79>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

Documentos do acervo do Centro de Documentação Histórica Plínio Benício (CEDOHI)

Carta de Pe. Dall'Alba ao conselho provincial - respostas aos questionamentos da comissão. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Carta de Pe. Dall'Alba ao conselho provincial. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Carta de Pe. Dall'Alba endereçada à D. Pedro de Orleans e Bragança. 02/out/1974. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Convênio "Indústrias Familiares dos Imigrantes" (primeira versão). 1978. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Convênio "Indústrias Familiares dos Imigrantes" (segunda versão). 1978. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Da ordem dos fatos (uma provável proposta de generalização) – CNRC. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Discurso para a inauguração da 1ª etapa do Museu Ao Ar Livre de Orleans, em 30 de agosto de 1980 – Pe. Dall'Alba. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Jornal da Tarde, Celso de Oliveira Souza em entrevista concedida a Elaine de Oliveira. s/d. Arquivo setorial "MUSEU" - acervo CEDOHI.

Projeto "Indústrias Familiares dos Imigrantes". Instituto São José de Orleans, Prefeitura de Orleans, Universidade Federal de Santa Catarina, CNRC. Arquivo setorial "MUSEU"

Recebido em: 23.09.2020

Aceito em: 03.11.2020